

As vozes do *Voz das Comunidades*: considerações sobre polifonia e dialogismo no discurso da imprensa comunitária

The voices of *Voz das Comunidades*: Considerations on
polyphony and dialogism in community press discourse

Igor Waltz¹
igor.waltz@gmail.com

RESUMO

A crescente digitalização da sociedade suscitou maior participação do público na produção noticiosa e abriu caminho para novas vozes exercerem o Jornalismo fora das organizações tradicionais de mídia, como os veículos dedicados a dar visibilidade a contextos locais e comunitários. Este trabalho busca identificar se as estratégias discursivas do portal Voz das Comunidades sobre o Complexo do Alemão implicam maior abertura ao diálogo com as audiências, por meio de uma análise comparativa de suas enunciações com aquelas praticadas pelo site G1 das Organizações Globo sobre a experiência cotidiana nesse bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Assim, este artigo pretende contribuir para a compreensão das mediações e das dinâmicas tensões entre inovação e conservação nas práticas jornalísticas contemporâneas.

Palavras-chave: jornalismo, discurso, comunicação comunitária.

Introdução

Entre as diversas facetas que caracterizam a atual fase de transnacionalização da produção capitalista está o incremento no trânsito contínuo e acelerado de informações mediado pelas tecnologias digitais. A formação

ABSTRACT

The rise of a digitalized society aroused greater public participation in news production and enables new voices exercising Journalism outside of traditional media organizations, such as vehicles dedicated to lending visibility to local and community contexts. This paper aims to investigate whether the discursive strategies of Voz das Comunidades about the region of Complexo do Alemão support a more open dialogue with audiences, through a comparative analysis of their speech with the practiced by G1, an online vehicle owned by Organizações Globo, about the everyday experience in this district of Rio de Janeiro. Thus, this article purposes to contribute to the understanding of mediations and dynamic tensions between innovation and conservation in contemporary journalistic practices.

Keywords: journalism, speech, community communication.

de uma sociedade fortemente mediatizada e transpassada por fluxos internacionais de comunicação traz impactos à vida cotidiana e aos sujeitos sociais. Para Deuze (2008), a convergência seria mais do que um simples fenômeno tecnológico, mas uma nova ordem cultural, baseada em uma experiência de integração complexa

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Pasteur, 250, Praia Vermelha, 22290-240, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

entre vida, trabalho e lazer, imbrincados em uma cultura midiática participativa. A crescente alcance das imagens mediatizadas na formação dos indivíduos problematiza o domínio crítico das tecnologias emergentes como forma de exercício pleno da cidadania e o aperfeiçoamento da prática jornalística como uma forma de conhecimento no mundo atual (Becker, 2012a).

Em meio a esse cenário, o jornalismo procura se renovar por meio da assimilação de novos formatos e abertura de canais de diálogo com seus públicos. Na visão de alguns autores, essa aproximação entre jornalistas e audiências poderia ser uma oportunidade de melhoria da produção de notícias que envolvam a delimitação de uma agenda de cidadania (Deuze, 2008; Marchionni, 2013). Contudo, o que se observa é que tal abertura não se traduz em um diálogo equilibrado entre mídia e seus públicos. Meios de comunicação preferem manter o controle sobre o engajamento das audiências, dentro de parâmetros bem delimitados, como comentários em matérias e envio de imagens de testemunho (Hermida, 2011). Além disso, as organizações de mídia parecem motivadas por estratégias de reforço do vínculo com as audiências, cada vez mais dispersas no ambiente *online*, em vez de um reconhecimento de diferentes universos de significação. O que ocorre é um apagamento da alteridade desse leitor/ouvinte/telespectador/internauta participativo, cultivando-se uma socialização superficial que não beneficia o diálogo (Becker, 2012b).

Na visão de Paiva (2006), em um cenário onde a mídia de massa ainda mantém grande controle sobre a difusão informacional, formas de produção voltadas ao contexto local, como a imprensa comunitária, podem ser um novo horizonte político-social para o jornalismo, por sua capacidade de produzir novos olhares sobre as coletividades. Para Paiva e Gabbay (2014), a comunicação comunitária pode ser um mecanismo de reprodução de formas variadas de manifestação identitária relacionadas ao delineamento de contornos culturais, étnicos, hereditários ou territoriais. Tais iniciativas representam dinâmicas singulares e contraditórias, caracterizadas pela adaptação de linguagens, pela criatividade na busca de formas alternativas de produção e pela promoção da vinculação comunitária, “como dispositivos de identificação coletiva em torno de um valor comum, compartilhado pelo grupo em geral, e facilitador de um diálogo interno e externo” (p. 48).

Estes empreendimentos podem ser entendidos como um entrelaçamento de ordem *glocal*, uma vez que atendem a demandas discursivas sobre questões sócio-

-econômico-culturais de uma localidade e, ao mesmo tempo, podem se inserir no ambiente das redes, extrapolando o espaço geográfico e emulando e reformulando gêneros de discurso consagrados pela comunicação massiva. Um dos exemplos mais emblemáticos das mudanças propiciadas pelo avanço da comunicação digital comunitária no Brasil é o jornal *Voz da Comunidade*. O impresso foi fundado em 2005 pelo estudante Renê Silva, então com 11 anos, como meio de debater problemas de sua escola, localizada no bairro de Higienópolis, próximo ao Complexo de Favelas do Alemão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa conquistou projeção nacional em novembro de 2010, durante a ocupação da comunidade por forças de segurança, quando a equipe, composta principalmente por adolescentes, narrou ao vivo o que acontecia nas ruas da comunidade por meio do serviço de microblogging *Twitter*. Impossibilitados de entrar na localidade para registrar a ação, órgãos de imprensa cederam espaço a essas novas vozes. Desde então, o jornal expandiu sua presença *online* e tornou-se o *Voz das Comunidades*, autoproclamado “maior portal de notícias das favelas do Brasil”, atendendo também outras comunidades no Rio de Janeiro e inspirando iniciativas semelhantes em outros estados.

Hoje, o *Voz da Comunidade* conta com uma equipe fixa de 10 pessoas, entre profissionais remunerados e voluntários, e uma tiragem mensal de 10 mil exemplares gratuitos (El País, 2015). O portal atualmente possui cerca de 1 milhão de visitantes diários, sendo que de acordo com uma enquête informal no próprio *site*, 51% dos que acessam são moradores do Complexo do Alemão. No *Twitter*, perfil @vozdacomunidade saltou de 180 seguidores para mais de 30 mil nos três dias que se seguiram à ocupação policial-militar, um aumento de mais de 16.500%. Em abril de 2017, eram aproximadamente 352 mil seguidores no *Twitter* e 95 mil no *Facebook*. Se os números são inferiores aos de grandes meios de comunicação, a projeção do *Voz* conquistou é extremamente representativa para fazer circular as questões da comunidade e fica evidenciada pelos apoios e patrocínios que recebe, que vão desde comerciantes locais até uma grande rede varejista, uma operadora de telefonia celular e uma indústria multinacional de refrigerantes. Também é evidente pelo respaldo que o veículo recebe a mídia empresarial, ímpar se comparado a outros veículos comunitários. Em 1º de outubro de 2016, o editor-chefe Rene Silva e o fotógrafo Renato Moura foram detidos e tiveram seus equipamentos de filmagem apreendidos pela Polícia Militar do Rio de Janeiro durante a cobertura da desocupação de uma

comunidade no Complexo do Alemão. O fato ganhou repercussão na mídia carioca e brasileira e foi objeto de uma nota emitida pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) (Abraji, 2016; EBC Agência Brasil, 2016; *O Dia*, 2016; *O Globo*, 2016).

A partir da delimitação deste cenário, o presente trabalho estuda as estratégias discursivas presentes no portal *Voz das Comunidades*, com o intuito de investigar se de fato representam um avanço para uma produção noticiosa mais polifônica e dialógica com seu público. Para um maior rigor da análise, este artigo vai comparar as produções multimídia do *Voz* e do portal *GI*, produto digital das Organizações Globo, maior conglomerado de mídia da América Latina. A pesquisa é norteada pela hipótese de que o veículo comunitário representa, por um lado, espaço de inovação em linguagens e conteúdos e de expressão de demandas locais, e por outro, emula e reproduz formatos e estatutos consolidados pela comunidade interpretativa dos jornalistas. A comparação entre um pequeno veículo de alcance comunitário e outro de grande porte se justifica em nosso interesse em investigar e comparar os discursos presentes em ambos, de que forma se reverberam, se refratam e se complementam. Este trabalho propõe uma análise da articulação entre dinâmicas de “renovação” e “conservação” nas práticas jornalísticas contemporâneas, a partir do estudo de formas de produção discursiva da chamada “imprensa comunitária”.

A fim de produzir uma comparação a respeito das estratégias discursivas entre os dois veículos, limitamo-nos a analisar os enunciados engendrados a respeito das comunidades que integram o Complexo de Favelas do Alemão. Assim, por meio da busca da palavra-chave “Complexo do Alemão” nos portais *Voz das Comunidades* e *GI*, foram identificadas um total de 32 matérias, veiculadas entre 1º e 31 de outubro de 2015, sendo 16 em cada um dos veículos. Em comum, todas versavam sobre fatos, eventos e/ou personagens que de alguma forma relacionavam-se com o conjunto de comunidades localizado na Zona Norte do Rio. Para dar conta da análise

de uma linguagem complexa como a do webjornalismo, formada pela conjunção de textos escritos, audiovisuais, gráficos e *hiperlinks*, é proposta uma combinação e adaptação das metodologias da análise crítica do discurso, de Fairclough (2001) e da análise televisual proposta por Becker (2012a).

Da primeira, herdamos as etapas que nos ajudam a dar conta do texto escrito. A Análise Textual é desmembrada nas etapas de exame do “Vocabulário”, que trata das escolhas lexicais, que ajudam a compreender as intencionalidades do enunciador; da “Gramática”, que analisa a combinação das palavras em frases e orações; e “Estrutura Textual”, que averigua das propriedades organizacionais dos textos. Já a Análise dos Princípios das Práticas Discursivas é seccionada em “Força do Enunciado”, que investiga o ato de fala desempenhado pelo texto, como uma promessa ou uma ordem; e a “Intertextualidade”, isto é, as conexões explícitas e implícitas no texto com discursos pré-existentes (Fairclough, 2001).

Incorporamos também as dimensões teórico-metodológicas da análise televisual por nos permitirem entender a produção de sentidos produzidos pela combinação de códigos que compõem a linguagem audiovisual presentes em textos sonoros e imagéticos disponibilizados nos portais estudados. Na etapa da Análise Quantitativa compomos as categorias Estrutura Narrativa e Edição em uma única categoria, aqui nomeada “Narrativa e edição”, cuja aplicação proporciona o entendimento dos modos como o produto audiovisual se apresenta, considerando também dados como hipertextualidade e interatividade, no caso de obras multimidiáticas. As categorias “Temáticas”, “Enunciadores” e “Multimedialidade” são integralmente adotadas para investigar, respectivamente, os conteúdos e campos temáticos privilegiados nos textos audiovisuais; analisar os atores sociais que participam da narrativa; e observar como diferentes formatos e linguagens de imagens e sons são integrados em uma mesmo suporte².

Na Análise Qualitativa é proposta a aplicação de três princípios de enunciação: “Fragmentação”, que veri-

² A Análise Televisual proposta por Becker (2012a) é composta por três fases distintas, a Descrição, a Análise Televisual propriamente dita, formada por uma análise quantitativa e uma análise qualitativa, e a Interpretação dos resultados. Na etapa da análise quantitativa a autora propõe a aplicação de seis categorias para analisar as narrativas televisivas. São elas Estrutura Narrativa, Temática, Enunciadores, Som, Visualidade e Edição. Ela propõe que as categorias “Som” e “Visualidade” devem ser combinadas em uma única categoria chamada “Multimedialidade” quando são observados como áudios, vídeos, fotografias e infográficos são integrados nos processos de significação de produtos audiovisuais na internet. Neste trabalho, optamos por reagrupar duas dessas categorias em uma única nomeada “Narrativa e Edição”, uma vez que durante a análise do corpus delimitado neste estudo verificou-se que o grau de complexidade das combinações de áudios e vídeos das estruturas narrativas e da edição das reportagens do *Voz das Comunidades* não demandava a aplicação de mais de uma categoria para a compreensão dos processos de significação de seus conteúdos e formatos audiovisuais noticiosos.

fica como a ausência de conexões entre as curtas unidades das notícias podem influenciar a leitura das audiências sobre o que é apresentado; “Dramatização”, que corresponde à natureza ficcional da narrativa, cujo desvelamento é feito por etapas até um “clímax”; e “Definição de Identidade e Valores”, que possibilita entender os valores atribuídos aos problemas sociais, a forma como são julgados e qualificados e como são eleitos os tipos sociais de uma série ou reportagem. O percurso metodológico acima descrito é precedido de uma etapa de contextualização do objeto de estudo e culmina em um estágio posterior de interpretação dos resultados alcançados nas análises quantitativa e qualitativa que formam a análise televisual propriamente dita (Becker, 2012a).

Além das contribuições da Análise Crítica do Discurso e da Análise Televisual, este artigo também utiliza a entrevista como instrumento de pesquisa com o intuito de elucidar com mais clareza os parâmetros que norteiam os processos produtivos do *Voz das Comunidades* e reflete sobre o relevante depoimento de seu editor-chefe, Rene Silva.

Dialogismo, polifonia e discurso jornalístico e comunitário

Antes de se explorar o jornalismo e a mídia como *locus* de produção de conhecimento e vinculação social na contemporaneidade, é preciso primeiramente analisá-los como um gênero discursivo que, a despeito das mutações trazidas pelas tecnologias digitais, ainda conserva sua centralidade no ecossistema comunicacional. Bakhtin (1997) classifica um gênero do discurso como uma série de enunciados com características relativamente estáveis, internos a uma esfera de utilização da língua. Uma das grandes contribuições da obra do autor russo é o peso que confere à função comunicativa da linguagem, em detrimento da linguística tradicional, que considerava excessivamente o papel da intencionalidade do locutor/emissor. Um enunciado, considerado a mônada da comunicação verbal, só pode ser delimitado pela alternância de sujeitos falantes, isto é, do diálogo. O autor explica que os enunciados não são indiferentes, isolados ou autossuficientes, mas se refletem e se referenciam mutuamente, “em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (Bakhtin, 1997, p. 313-314).

Para Bakhtin (1997), desta forma, os enunciados não podem ser entendidos isoladamente, mas enquanto

um elo na cadeia da comunicação verbal, na forma de um diálogo com enunciados precedentes. Pinto (1995) faz eco à essa ideia ao defender que o que chama de *postulado da heterogeneidade enunciativa*. Em sua Teoria dos Discursos Sociais, é posta em causa uma presumida unicidade e autonomia discursiva do sujeito: cada texto é expressão de uma multiplicidade de vozes, em alguns casos recrutadas intencionalmente pelo locutor, em outros de forma involuntária. Outro que faz alusão à encadeamento histórico dos textos é Fairclough (2001), ao delimitar a *intertextualidade* como uma das extensões da análise dos textos. Por dimensão intertextual, o autor entende a potencialidade de um discurso social de assimilar discursos anteriores, contradizê-los, ecoá-los ironicamente, etc.

Este princípio da multiplicidade de vozes presentes em um discurso nos inspira a pensar que a formatação do discurso jornalístico engloba mais do que as falas dos jornalistas, das fontes e dos personagens presentes na superfície textual. Contudo, a ideia de polifonia, como concebida por Bakhtin (2008), se manifesta como uma multiplicidade de vozes equivalentes, proporcionais dentro de um mesmo texto, representando a pluralidade de consciências e visões de mundo que se combinam na unidade do acontecimento. Não se pode afirmar, entretanto, que a “multiplicidade de vozes” na notícia ocorra de forma equivalente e inconclusiva. O próprio Bakhtin (1997) ressalta que o jornalista se vê obrigado a viver em uma esfera de questões que podem e devem ser resolvidas na contemporaneidade ou pelo menos em um tempo próximo. O diálogo que propõe através de sua escrita é conclusivo, pois pode passar à ação, converte-se em força empírica, ao contrário de um polifonista como Fiodor Dostoiévski, autor de obras como *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamazov*, que capta na confusão de lutas de opiniões e ideologias a natureza inacabada do diálogo sobre grandes questões de cada época.

Becker (2009) afirma que a qualidade dos relatos jornalísticos pressupõe, entre outros critérios, a diversidade de temas e de atores sociais e a pluralidade de interpretações. Mas a própria autora ressalva que existem obstáculos a essa pluralidade em um sistema midiático como o brasileiro, caracterizado pela concentração empresarial e pela fragilidade das organizações públicas e civis. Além disso, as notícias tenderiam a transmitir agendas e perspectivas das elites político-econômicas, geralmente apresentadas como valores e princípios naturais ou do senso comum.

Um dos entraves ao pluralismo na notícia é a participação dos públicos, que ao longo da maior parte

da história da imprensa se viram estampados na função predominante de vítima ou testemunha dos fatos. Ainda que mudanças venham ocorrendo no sentido de aumentar a participação e o diálogo, essas iniciativas visam mais o reforço no vínculo com leitores/audiências, que cada vez mais migram para os meios digitais, do que uma abertura à polifonia discursiva. Na terminologia de Bakhtin (1997), a “voz dos personagens” ainda não se coaduna com a “voz do autor”.

Contudo, ações contemporâneas de produção jornalística fora das engrenagens industriais de mídia, como iniciativas individuais ou de pequenos grupos na internet, poderiam suscitar uma abertura mais dialógica, plural e equilibrada entre os produtores e os públicos da notícia. Um exemplo claro dessa possibilidade de articulação está presente na comunicação comunitária. Esta é classificada por Peruzzo (2008) como um meio de expressão de uma dada comunidade, protagonizado por seus membros a fim de manifestar seus interesses e demandas. Pauta-se por princípios públicos como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população e desenvolver conteúdos com a finalidade de promover a cultura, educação e cidadania. Paiva (2008), por sua vez, aponta que a comunicação comunitária se baseia na experimentação de laços e vínculos afetivos entre as pessoas, um elemento marcante da vida em comunidade. Além de gerar uma estrutura mais integrada entre produtores e consumidores da notícia, na visão da autora, essa forma de comunicação atua na direção de uma estrutura mais polifônica, já que confere maior pluralidade de vozes e abre-se para o novo, para aquilo que se encontra excluído dos discursos da mídia hegemônica.

Como explica Miani (2011), quando grupos sociais se articulam enquanto comunidade, vislumbra-se a possibilidade de construção de uma “sociabilidade possível”, compatível com suas características sócio-históricas específicas e procurando romper com as condições de alienação massificadora das relações sociais capitalistas. Os autores acima nos inspiram a pensar que o trabalho de veículos como o portal *Voz das Comunidades* pode apontar a busca de uma nova sociabilidade possível, calcada em uma comunicação midiática mais polissêmica, plural e atenta às demandas internas da comunidade. Contudo, inserida na rede, é possível afirmar que tal veículo escape plenamente à lógica mercantilista da comunicação digital? O que ela de fato traz de novo em relação a linguagens e enquadramentos discursivos e o que ela reproduz de uma comunicação midiática de massa? A fim de identificar como a polissemia e o dialogismo aparecem nesse

empreendimento, desenvolveremos no tópico a seguir a análise do *Voz das Comunidades* em comparação ao jornalismo do portal *G1*.

As “vozes” no discurso do *Voz das Comunidades* e do *G1*

Em seu depoimento para este trabalho, Rene Silva comenta que uma das suas maiores motivações para criar o jornal *Voz da Comunidade* era suprir um hiato sobre a cobertura jornalística dessas populações. O que o motivou, conta, foi “ao abrir um jornal de grande circulação na cidade [do Rio de Janeiro] e não encontrar sequer uma notícia sobre as favelas. Percebi que precisava e podia fazer alguma coisa para mudar essa história e a comunidade começar a se ver num jornal também”. A partir dessa fala, podemos inferir que no germe da iniciativa de Silva está a necessidade de uma outra produção discursiva, nos moldes do discurso do jornalismo, mas capaz de englobar a visão de si da comunidade. Na sua visão, o jornalismo massivo tradicional é sim um modelo, já que se inspira “na forma de trabalhar em rede, como eles [sic] fazem de forma regional ou nacional, pois nosso maior objetivo é a expansão desse trabalho para o país inteiro”, diz o editor-chefe. Mas para ele, a emergência das redes contribuiu para que os grandes meios já não sejam mais tão hegemônicos como outrora:

O aspecto positivo é que a gente tem as informações muito mais rápidas e todo mundo pode ser um comunicador hoje em dia, não dependemos dos grandes veículos para saber que algo aconteceu ou não. Sempre haverá alguém com celular, câmera ou computador mesmo, registrando um acontecimento e espalhando na rede de internet.

A partir do depoimento de Silva, temos algumas pistas que nos permitem empreender uma jornada de análise do discurso do *Voz das Comunidades*. Ambas as referências teórico-metodológicas aqui adotadas privilegiam nas análises dos textos verbais e audiovisuais mais os modos de dizer do que é propriamente dito. Contudo, não excluem a possibilidade de quantificação de elementos que compõem o *corpus* estudado na contextualização do objeto de estudo. Assim, observa-se um equilíbrio entre o *Voz* e o *G1* quanto ao número de matérias publicadas sobre o Complexo do Alemão no período, mas não em relação à seleção das temáticas. Na análise, quase todas as matérias do portal *G1* que versavam sobre o Complexo

do Favelas do Alemão destacaram episódios de ações policial, de violência e combate ao tráfico de drogas, à exceção de duas notas curtas, publicadas no dia 22 de outubro, sobre o fechamento e a reabertura do teleférico que liga o alto da comunidade à estação de trem devido a condições climáticas.

Mais do que meramente reportar episódios, o *Voz das Comunidades* também registrou episódios de violência urbana, mas por um enquadramento diferente, procurando dimensionar as dificuldades inerentes a habitar uma área de conflito. Também foram temas de matérias a reivindicação por direitos básicos, como saúde, educação e saneamento; meio ambiente; emprego e empreendedorismo; lazer; e perfis de moradores destacados, como o mestre capoeirista Juarez Ferreira e o comerciante Cosme Damião da Silva Chagas.

Quanto às estruturas textuais, as matérias do *GI* se organizam por meio de notas curtas e de matérias de três a oito parágrafos, articuladas no modelo da pirâmide invertida. A maior matéria, com 13 parágrafos, foi publicada no dia 1º de outubro e cobriu o velório e a repercussão da morte do policial militar Caio César Cardoso de Melo. O grande destaque se justificou, em parte, pela atuação do agente como dublador do protagonista da série de filmes “Harry Potter” nos cinemas brasileiros. A expressão “PM que dublou Harry Potter” viria a substituir o nome do policial morto na manchete de três matérias publicadas no período.

Já sobre a estrutura e edição audiovisuais, seis das 15 matérias publicadas pelo portal traziam recursos de imagem e som. Todos os vídeos são oriundos de outros produtos das Organizações Globo, como o RJTV, telejornal local da Rede Globo de Televisão, e noticiários do canal de notícias Globonews. Observa-se o emprego tanto de matérias completas, compostas por abertura do locutor, narração em *off*, passagem do repórter e sonora com autoridades policiais, quanto de imagens de cinegrafistas amadores, testemunhas dos acontecimentos. Nesses casos, os vídeos sempre são acompanhados da locução em *off* dos âncoras dos telejornais, que se sobrepõe ao áudio original, sem encobri-los totalmente. A voz dos profissionais cumpre dessa forma uma função que Barthes (citado por Pinto, 1995) classifica como “imobilização dos níveis de percepção”, pelo fato de as imagens serem mais abertas a uma polissemia e os textos verbais solidificarem uma interpretação, estabelecendo pontos de vista para as suas inteligibilidades. Além disso, a autoria das imagens é sempre ignorada ou encoberta, justificada pela fala do âncora — “imagens que circulam na internet” — ou pela legenda “imagens enviadas por telespectador”.

As matérias do *Voz* apontam para uma apropriação da estrutura das notícias do jornalismo tradicional. Organizadas em pirâmide invertida em sua maioria, as notícias trazem um corpo de quatro a doze parágrafos. O *lead*, comum na narrativa clássica do jornalismo, em alguns momentos é substituído por parágrafos introdutórios com contextualização histórica. Na matéria “O Amarelo e Vermelho do Alemão”, de 7 de outubro, a abertura recorda o nascimento marginal do samba nas comunidades do Rio de Janeiro antes de abordar a nova escola de samba que se forma na comunidade. De forma semelhante, “Capoeirista com orgulho”, veiculada no mesmo dia, rememora a repressão da capoeira no Brasil Colônia antes de contar a história do mestre capoeirista Juarez Ferreira.

Recursos audiovisuais no *Voz* são menos presente do que no *GI*, possivelmente reflexo de uma estrutura de produção mais simples. Apresentados em duas matérias, os vídeos contam sempre com uma abertura de uma vinheta com som impactante e o *fade in* do logotipo do *Voz das Comunidades*. Em “Complexo do Alemão entrou em festa no dia das crianças”, do dia 13 de outubro, imagens das diferentes celebrações que tomaram a comunidade são narradas em *off* pelo repórter, que não aparece no vídeo. Ouve-se também o som ambiente das vozes das crianças e dos animadores infantis. Já na matéria “Pacientes são atacados por mosquitos dentro de clínica da família no Complexo do Alemão”, de 9 de outubro, há o uso de imagens enviadas por um moradora de dentro de uma unidade de saúde. Apesar de a autora do vídeo também não ser identificada, ao contrário do *GI*, não há uma sobreposição de voz de um profissional sobre o relato dos acontecimentos.

Além disso, o que se apreende no trabalho de ambos *sites* é uma redundância entre os textos verbais falado e escrito: ambos trazem as mesmas informações e, em alguns casos, o segundo limita-se a uma transcrição do primeiro. Tal repetição, por um lado, pode expressar a formação ainda em curso de uma linguagem multimídia, onde a inovação e a experimentação ainda caminham a passos lentos. Por outro lado, pode evidenciar também dificuldades de produção em tempo real, onde há o privilégio da velocidade em detrimento da qualidade textual.

As escolhas lexicais também são um importante meio de elucidar estratégias de significação de ordem política e ideológica de cada veículo. Essa ideia entra em consonância com o conceito formulado por Entman (1993), que defende o texto como um local de enquadramento, manifesto pela presença ou ausência de certas palavras-chave, frases, imagens estereotipadas, fontes de

informação, etc. A diferença lexical entre as coberturas ações violentas entre *GI* e *Voz da Comunidade* é sutil, mas identificável. Enquanto o primeiro emprega termos como “baleado durante patrulhamento” e “um intenso tiroteio”, procurando manter uma postura de distanciamento, o segundo estabelece contornos mais enfáticos e sequenciais aos eventos. Foram detectadas construções como “derramamento de sangue”, “frequentes trocas de tiros” e “não é de hoje que a violência no Complexo do Alemão vem assustando os moradores”.

No campo gramatical, as escolhas entre os dois veículos são muito próximas. O uso majoritário do presente e do pretérito perfeito conferem assertividade aos relatos dos dois portais, diferenciados mais uma vez pelo grau de proximidade/distância do relato. Destaca-se o relato do *GI*:

A investigação sobre a morte do comandante da UPP Nova Brasília, no Conjunto de Favelas do Alemão, em setembro de 2014, confirmou a suspeita de que o capitão Uanderson Manoel da Silva, de 34 anos, foi morto por “fogo amigo”, de acordo com a Divisão de Homicídios (GI Rio, 2015a).

E do portal *Vozes da Comunidade*:

A chegada do Voz da Comunidade ao Capão atraiu muitos moradores. Entre eles, estava Cristiane Regina Costa de Maurício, 40 anos (Voz das Comunidades, 2015j).

Nota-se que no relato, do portal *GI*, segue-se os ditames tradicionais do jornalismo, ao realizar uma exposição impessoal e distanciado do tema, creditando a uma fonte as informações veiculadas. No caso do *Voz*, identifica-se um envolvimento do autor do texto com o cenário descrito. Ele assume uma intervenção na cena. O que se denota de tal escolha discursiva é mais do que uma simples proximidade, mas a inserção do repórter na comunidade. Mas é preciso sublinhar que essa linguagem vem sendo emulada por jornais populares e telejornais locais como forma de incrementar vínculos com as audiências, sem necessariamente abrir diferentes modos de significação de acontecimentos em seus relatos.

Outra referência à proximidade entre autor e comunidade no discurso do *Voz das Comunidades* é o uso intenso de adjetivações, muito pouco presente no portal de notícias das Organizações Globo. O adjetivo “famoso/a” aparece em pelo menos três ocasiões:

(i) “Muitas viaturas e o famoso ‘Caveirão’ foram vistos...” (Voz das Comunidades, 2015o);

(ii) “Depois de muito tempo fechada, a famosa ‘Quadra da Canitar’ abre as portas...” (Voz das Comunidades, 2015c);

(iii) “Subindo pela Central, logo depois da famosa Rua 2, cenário de inúmeros tiroteios...” (Voz das Comunidades, 2015i).

Ainda que no primeiro e no terceiro casos, haja o emprego de termo “famoso” em um tom evidente de ironia — o que também sugere um vínculo estreito entre o autor e leitores —, demonstra-se em tais escolhas lexicais o compartilhamento de um repertório de mundo.

Quanto à presença de enunciadores nos textos, percebe-se no caso do *GI* uma ausência importante de vozes de moradores. Em todo o período analisado, o discurso dos membros da comunidade é constituído unicamente de uma produção colaborativa — vídeos e imagens —, na qual não lhes é conferido crédito. Há um apagamento de suas identidades na narrativa do portal. A única exceção é a matéria “Rio tem ‘farofaço’ na Zona Sul após abordagens a ônibus e arrastões”, veiculada no dia 4 de outubro. O texto refere-se a um protesto contra *blitzes* policiais que interceptaram ônibus vindos do subúrbio com destino às praias da Zona Sul da cidade. No texto de apenas três parágrafos, o repórter ouve um dos líderes da manifestação, Thainã de Medeiros, morador do Alemão. Em todos os outros casos, o que se lê e assiste são os relatos dos repórteres e comentaristas de segurança, ilustrados com as falas de autoridades policiais.

De outra forma, o *Voz das Comunidades* reforça um posicionamento de reverberação das falas dos habitantes da localidade, especialmente daqueles que não encontram espaço de expressão na mídia de massa. Cabe ressaltar, contudo, que não raramente essa concessão de voz apela a emotividade dos leitores, como apontam os exemplos a seguir, por grifos nossos:

Guilherme, de 10 anos, um dos filhos de Andréia, emocionou a equipe ao responder do que sente mais falta em sua comunidade. “Conforto” foi a palavra usada por uma criança que desconhece o que é ter o mínimo. (Voz das Comunidades, 2015j).

“Eu sou mãe e pai. É muito difícil, uma luta diária. Não trabalho, sobrevivemos com o bolsa família. Muitas vezes a gente não tem o que comer e eu fico atrás de doações. Vou em igrejas, feiras, certos

loais. Na época de eleição, começaram algumas obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e pararam. É a realidade do abandono”, lamentou a mãe. Mais uma família que tem seu possível destino já traçado e não chama a atenção de ninguém. (Voz das Comunidades, 2015f).

Este discurso, ainda que procure dar a palavra a tais famílias em condições desfavoráveis, que de outra forma não seria concedida, ainda não lhes confere autonomia discursiva. O veículo reforça seu papel de mediador de tal realidade, mas não propicia um debate aprofundado em relação ao contexto socioeconômico da cidade e da própria comunidade, como por exemplo, o porquê haver áreas do Complexo do Alemão atendidas por uma rede de comércio, transporte e saneamento e outras tão carentes. Ou qual seria a relação entre política pública habitacional e de segurança para a região. Estes questionamentos poderiam ser um ponto inicial para a construção de uma agenda pública para a promoção da cidadania no Complexo do Alemão e demais comunidades do Brasil.

Transcorrida a fase de uma análise quantitativa dos dois veículos, é possível engendrar brevemente um exame qualitativo dos princípios discursivos de cada órgão de imprensa. A partir da análise dos enunciadores, é possível traçar, por exemplo, a intertextualidade presente em cada um dos meios. Como dito anteriormente, o discurso do *GI* é atravessado principalmente por falas institucionais, presentes em citações diretas e indiretas no texto escrito e por sonoras no texto audiovisual. Na ausência de outras temáticas e vozes a respeito da vida na localidade do Alemão, a fala produzida pelo portal de notícias é permeada por uma visão das favelas como um espaço onde unicamente impera a violência e a ausência de vínculos sociais e afetivos, o que suas enunciações também corroboram. A matéria que chega mais perto de uma visão diferenciada é “Rio tem ‘farofaço’ na Zona Sul...”, mas sua extensão diminuta não permite a formação de outro ângulo de abordagem sobre as tensões sociais que assolam o espaço urbano. Opostamente, na produção do *Voz das Comunidades*, a intertextualidade se manifesta pelo entrecruzamento de falas e discursos provenientes da própria comunidade, seus moradores, seus personagens, em uma mistura de reivindicações, histórias de vida e relato cotidiano. Traz-se à baila também discursos sobre o conhecimento histórico como forma de contextualização, como ocorre nos casos dos textos sobre a capoeira e o samba.

Sobre a intertextualidade, é importante destacar também a matéria “Polícia faz ação para coibir o tráfico

em comunidades da Zona Norte do RJ”, veiculada pelo *GI* do dia 14 de outubro. O relato curto e pouco detalhado da operação é contrastado pela variedade de imagens produzidas no local pela equipe de reportagem do *Voz das Comunidades*. É importante salientar que, no caso do veículo, a cobertura ficou restrita ao *Twitter*, não gerando uma reportagem para o *site*. O pedido de concessão de imagens aconteceu publicamente no serviço de *microblogging* por outro veículo, o jornal *O Globo*, da mesma empresa proprietária do *GI*, como destacado a seguir:

“Manhã dessa quarta-feira começa com operação da PM no Complexo do Alemão. (Foto: @RenatoMouraRJ)” (Voz da Comunidade. @vozdacomunidade. 14 out. 2015. 06h51. Tweet).

“@vozdacomunidade @RenatoMouraRJ Bom dia! Podemos usar as fotos divulgadas por vocês?” (O Globo_Rio. @OGlobo_Rio. 14 out. 2015. 10h57. Tweet).

“@OGlobo_Rio podem usar estas. Créditos: Bento Fábio/Jornal Voz da Comunidade” (Voz da Comunidade. @vozdacomunidade. 14 out. 2015. 10h57. Tweet) (Twitter, 2015).

O caso é exemplar de uma relação simbiótica entre as duas organizações: de um lado, o veículo empresarial economiza recursos e tempo, evitando o deslocamento de uma equipe de reportagem ao local; do outro, a disposição da equipe do *Voz* em contribuir para um relato sobre a ocorrência policial para além das fronteiras da comunidade. Percebe-se, que nesse caso, o retrato da violência do jornal comunitário no *Twitter* não se diferencia em grande medida daquele rotineiramente produzido pela mídia tradicional, centrado principalmente nas operações da política militar. Nas palavras de René Silva, pautar grandes *sites* e veículos da mídia tradicional não é o maior objetivo do *Voz*, “mas também é um dos grandes. Só assim a gente consegue mostrar nossa realidade pro mundo de forma mais ampla”.

Já a força do enunciado (Fairclough, 2001) é expressa pela ação desempenhada pelo texto, tal como uma promessa, uma ameaça, uma ordem, etc. Nesse quesito, o *Voz da Comunidade* assume uma postura de denúncia e reivindicação, como porta-voz qualificados daquela comunidade, correspondendo a uma função interpessoal da linguagem. Em vários momentos, suas estratégias discursivas revelam exigência e requisições

(“Queremos pracinha, queremos biblioteca, queremos andar pela comunidade sem ver um esgoto a céu aberto e um fuzil a cada esquina”). Diversamente, o discurso do *GI* não demonstra uma força de enunciado, uma vez que se limita a relatar acontecimentos, sem denotar uma ação discursiva por parte do enunciador — ainda que a isso não se deva atribuir uma ausência de intencionalidade.

O princípio discursivo da fragmentação, pensado inicialmente por Becker (2012a) para o exame de enunciados audiovisuais, também pode ser valioso para o estudo do jornalismo multimídia. A curta duração das unidades informativas em um *site* na internet gera pulverização da abordagem dos problemas e conflitos sociais, com poucas oportunidades de interligações para a sua compreensão mais acurada. No caso do *GI*, o assassinato do policial Caio César ou a morte acidental do comandante Uanderson Manoel chegaram a ser desdobradas, mas a ligação entre elas se fez principalmente por *hiperlinks* no corpo do texto e na seção “Saiba mais”, à esquerda ou ao fim das matérias, o que proporciona uma leitura dispersiva. No *Voz*, ainda que seja evidente a presença de fragmentações, há um esforço maior em interligar os problemas da comunidade por meio do texto, gráficos — como a contagem do número de policiais e moradores mortos e feridos ao longo do ano — e também *hiperlinks*.

A dramatização das narrativas, por sua vez, é pouco evidente na produção audiovisual do período em ambos os portais estudados. As colaborações anônimas dos dois veículos resumiram-se a uma única cena, sempre em um espaço delimitado — uma rua, uma casa, uma clínica —, onde não há identificação de personagens frente aos atos que se desenrolam. As matérias completas do *GI* também pouco apelaram a recursos dramáticos, com recursos sonoros limitados a vinhetas do telejornal e uma edição que privilegia a apresentação encadeada de informações, sem recorrer a um clímax ou desfecho eloquente. A narrativa de “Complexo do Alemão entrou em festa no dia das crianças”, publicada pelo *Voz das Comunidades*, por outro lado, recorre a uma sonoridade lúdica e imagens coloridas de mesas repletas de doces e crianças brincando para desenvolver uma narrativa que privilegia a inocência e alegrias dos pequenos personagens. O clímax da matéria se dá na imagem de crianças brincando ao fim do vídeo, como a construção ideal de um outro Alemão possível que não aquele do cotidiano difícil.

O último princípio enunciativo é o da definição de identidades e valores. Becker (2012a) explica que este prisma de análise busca reconhecer as marcas enunciativas da narrativa audiovisual, referentes aos valores atribuídos

a problemas e conflitos locais, nacionais e globais e os modos como são julgados e qualificados. Possibilita, ainda, compreender como são eleitos os tipos sociais da história. O *GI*, ao privilegiar temáticas de violência urbana, realiza uma delimitação de personagens divididos entre “o bem” e “o mal”, policiais e bandidos. Acusados, vítimas ou familiares não são ouvidos, mas reforça-se a posição marginal dos detidos por uma tática discursiva de dupla personalidade, uma civil e outra criminosa: “Rafael do Nascimento Silva, conhecido como Rafinha, e Rodrigo Freitas dos Santos, também conhecido como Sapo”; “Paulo Ricardo da Silva, conhecido como Polho”. Paralelamente, é enfatizada falas do delegado Fábio Asty e do major Ivan Blaz que evidenciam uma “responsividade” das forças de segurança frente às ameaças da criminalidade.

O *Voz das Comunidades* apresenta duas estratégias principais na atribuição de identidades. A primeira delas é a “Denúncia”, na qual é ressaltada a fragilidade dos personagens frente ao cenário: “A vala passa por baixo da casa onde Laura Geronimo mora com seus filhos, entre eles um bebê de um ano e sete meses que sofre de problemas respiratórios”; “Esmeralda mora em um ponto alto do Morro dos Mineiros e expressa um olhar de quem não sabe por onde começar”; “Maria da Penha Leonel Silva, uma senhora de 70 anos que não pode sair de casa sozinha, devido à falta de asfalto nivelado e ao excesso de buracos e esgotos”. A outra, por oposição, é a de “Enaltecimento”, no qual reconhece-se o esforço dos personagens na suplantação das dificuldades do cenário. O relato de vida de Adriely Soares ressalta sua condição de quase miséria — “quando decidi ir para a rua procurar emprego eu só tinha dois ovos em casa e era uma segunda-feira” — antes de dar um novo rumo à sua vida ao empregar-se na lanchonete do empreendedor Cosme Damião da Silva Chagas. O mestre capoeirista Juarez Ferreira também é valorizado em sua superação da pobreza: “Não é porque tive uma adolescência pobre, que me tornei bandido. Desde sempre sou Capoeirista”.

Interpretação de resultados e considerações finais

Esta trajetória analítica nos permite compreender que o *Voz das Comunidades* se mantém atrelado ao objetivo inicial de Rene Silva de fazer a “comunidade se ver no jornal também”. Sua discursividade procura ser uma alternativa ao jornalismo tradicional ao abrir um canal de diálogo com populações que de outra forma não teriam

suas falas ecoadas. Contudo, mais do que mera oposição, é possível observar que esta iniciativa de mídia estabelece uma relação de simbiose, ou até de complementaridade, no que concerne à produção comercial.

No caso do *GI*, a estrutura sinérgica, evidenciada pelo emprego de imagens de outros veículos das Organizações Globo em seu relato multiplataforma, não se traduziu no período analisado em matérias de maior qualidade, onde se verificou a supressão da voz dos moradores, o eco das vozes das autoridades de segurança e poucos esforços de contextualização em um relato fragmentado. As favelas do Alemão, que a despeito das condições de pobreza e questões de segurança, é rica em cultura e tem demandas discursivas para além das operações policiais. Contudo, ainda seriam necessárias mais pesquisas, principalmente etnografias da produção e entrevistas com profissionais, para dimensionar-se em quais medidas o discurso do *GI* reflete e é reflexo dos estereótipos sociais que relegam as comunidades de periferia a um papel de “espaço sem lei”, à margem do resto da sociedade.

Já nas páginas no *site* produzido pela equipe do Complexo do Alemão, nota-se apropriação de formatos consagrados pelo jornalismo tradicional. Além do mais, é perceptível a maior diversidade de pontos de vista e temáticas, e mesmo a violência urbana é tratada por outro enquadramento, com maior proximidade e urgência. Por meio das suas escolhas lexicais e gramaticais, termos como “frequentes trocas de tiro” e “não é de hoje” demarcam um esforço de sequencialidade, fruto não apenas da necessidade de contextualizar os leitores, mas marcar uma aproximação entre produtor da informação e seus públicos. Repórter e leitores comungam do mesmo universo, dos mesmos valores comunitários.

Há que se ressaltar, contudo, que ao conceder reverberação às demandas dos moradores, o *Voz das Comunidades* reforça seu próprio papel como mediador privilegiado, atuando, inclusive, como um elo entre a comunidade e os veículos de mídia tradicional. Em alguns momentos, o próprio o veículo reforça em seu discurso sua suposta posição de único meio qualificado pelo qual as famílias carentes se fazem ouvidas. Mas apesar dessas questões, é notável o esforço do *Voz* em promover uma mídia mais cidadã e inovadora em suas temáticas e linguagens.

Referências

- ABRAJI. 2016. Abraji repudia ação da PM-RJ contra jornalistas. Disponível em: <http://abraji.org.br/noticias/abraji-repudia-ao-da-pm-rj-contrajornalistas>. Acesso em: 28/09/2017.
- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 476 p.
- BAKHTIN, M. 2008. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 341 p.
- BECKER, B. 2009. Jornalismo audiovisual de qualidade: Um conceito em construção. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, VI(2):95-111. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p95>. Acesso em: 29/11/2015.
- BECKER, B. 2012a. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: Uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*, 5(2):231-250. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/247>. Acesso em: 24/10/2015.
- BECKER, B. 2012b. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: Um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. *Galáxia*, 24:77-88. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10161/9428>. Acesso em: 28/12/2015.
- DEUZE, M. 2008. The Professional Identity of Journalists in the Context of Convergence Culture. *Observatorio (OBS*) Journal*, 2(4):103-117. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/216>. Acesso em: 06/05/2015.
- EBC AGÊNCIA BRASIL. 2016. Comunicador popular Rene Silva, fundador do Jornal Voz das Comunidades, é preso. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/comunicador-popular-rene-silva-fundador-do-jornal-voz-das-comunidades-e-preso>. Acesso em: 05/10/2016.
- EL PAÍS. 2015. A voz da comunidade que corre o Rio. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/politica/1428194084_073598.html. Acesso em: 22/11/2015.
- ENTMAN, R.M. 1993. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4):51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília, UnB, 316 p.
- HERMIDA, A. 2011. Mechanisms of participation: How audience options shape the conversation. In: J. SINGER; D. DOMINGO; A. HEINONEN; A. HERMIDA; S. PAULUSSEN; T. QUANDT; Z. REICH; M. VUJNOVIC (coord.), *Participatory journalism: Guarding open gates at online newspapers*. West Sussex, Wiley-Blackwell, p. 13-33. <https://doi.org/10.1002/9781444340747.ch2>
- MARCHIONNI, D.M. 2013. Journalism-as-a-conversation: A concept explication. *Communication theory*, 23(2):131-147. <https://doi.org/10.1111/comt.12007>
- MIANI, R.A. 2011. Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopó-

lio midiático. *Revista Intexto*, 2(25):221-233. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/16547/14492>. Acesso em: 12/04/2017.

O DIA. 2016. Rene Silva, fundador do Jornal Voz da Comunidade, é preso no Alemão. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-10-01/rene-silva-fundador-do-jornal-voz-das-comunidades-e-preso-no-alemao.html>. Acesso em: 05/10/2016.

O GLOBO. 2016. Criador do 'Voz da Comunidade' é detido cobrindo ação da PM no Alemão. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/criador-do-voz-da-comunidade-detido-cobrindo-acao-da-pm-no-alemao-20214021>. Acesso em: 05/10/2016.

PAIVA, R. 2006. Jornalismo comunitário: Uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). *Revista Famecos*, 1(30):62-70. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/491>. Acesso em: 08/11/2015.

PAIVA, R. 2008. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: R. PAIVA (org.), *O retorno da comunidade: Os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro, Mauad X, p. 133-148.

PAIVA, R.; GABBAY, M. 2014. Comunicação Comunitária. In: A. CITELLI; C. BERGER; M.A. BACCEGA; M.I.V. LOPES; V. FRANÇA, *Dicionário de comunicação: Escolas, teorias e autores*. São Paulo, Contexto, p. 43-54.

PERUZZO, C.M.K. 2008. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. *Revista Palavra Chave*, 11(2). Disponível em: <http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>. Acesso em: 12/04/2017.

PINTO, M.J. 1995. Semiologia e imagens. In: J.L. BRAGA; A. FAUSTO NETO; S.D. PORTO, *Encenação dos sentidos: Mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro, Diadorim, p. 141-147.

TWITTER. 2015. Disponível em: <https://twitter.com/vozdacomunidade/status/654232933151166464>. Acesso em: 01/12/2015.

Fontes primárias

G1 RIO. 2015a. Comandante de UPP foi morto por PM novato que errou tiro, conclui DH. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/comandante-de-upp-foi-morto-por-pm-novato-que-errou-tiro-conclui-dh.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015b. Condições climáticas suspendem operações do Teleférico do Alemão. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/condicoes-climaticas-suspendem-operacoes-do-teleferico-do-alemao.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015c. Família de PM morto no Alemão faz reco-

nhecimento do corpo no IML. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/familia-de-pm-morto-no-alemao-faz-reconhecimento-do-corpo-no-impl.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015d. Menores de favela do Alemão, no Rio, são flagrados atirando; veja imagens. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/menores-de-favela-do-alemao-no-rio-sao-flagrados-atirando-veja-imagens.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015e. 'Morreria feliz em combate', disse à família policial que dublou Harry Potter. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/morreria-feliz-disse-dublador-familia-que-pedia-para-ele-largar-pm.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015f. Morte de traficante fecha comércio nos complexos da Penha e Alemão. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/morte-de-trafficante-fecha-comercio-nos-complexos-da-penha-e-alemao.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015g. 'Não abro mão de indenização', diz viúva de comandante de UPP morto. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/nao-abro-mao-de-indenizacao-diz-viuva-de-comandante-de-upp-morto.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015h. ONG faz ato na Praia de Copacabana lembrando mortes violentas. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/ong-faz-ato-na-praia-de-copacabana-lembrando-mortes-violentas.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015i. PM fica ferido em troca de tiros no Alemão; Rocinha também tem tiroteio. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/pm-fica-ferido-em-troca-de-tiros-no-alemao-rocinha-tambem-tem-tiroteio.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015j. Polícia apreende 55kg de maconha no RJ. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/policia-apreende-55kg-de-maconha-no-rj.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015k. Polícia do RJ prende suspeito de matar PM que dublou Harry Potter. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/policia-do-rj-prende-suspeito-de-matar-pm-que-dublou-harry-potter.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015l. Rio tem 'farofaço' na Zona Sul após abordagens a ônibus e arrastões. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/rio-tem-farofaco-na-zona-sul-apos-abordagens-onibus-e-arrastoes.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015m. 'Se houve erro, vamos pagar', diz Pezão sobre PM morto por fogo amigo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/se-houve-erro-vamos-pagar>

-diz-pezo-sobre-pm-morto-por-fogo-amigo.html. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015n. Suspeito de matar PM que dublou Harry Potter é transferido para cadeia. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/suspeito-de-matar-pm-que-dublou-harry-potter-e-transferido-para-cadeia.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015o. Teleférico do Alemão é reaberto após melhora no tempo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/teleferico-do-alemao-e-reaberto-apos-melhora-no-tempo.html>. Acesso em: 02/11/2015.

G1 RIO. 2015p. Um dia após morte de PM, moradores relatam intenso tiroteio no Alemão. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/um-dia-apos-morte-de-pm-moradores-relatam-intenso-tiroteio-no-alemao.html>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015a. #EuAmoSerradaMisericórdia. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/destaque2/euamoserradamisericordia/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015b. Capoeirista com orgulho. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/morro-do-alemao/capoeirista-com-orgulho/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015c. Com base fortificada na porta de entrada, espaço Canitar abre vagas para atividades e cursos no Alemão. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/espaco-canitar-abre-vagas-para-atividades-e-cursos-no-alemao/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015d. Complexo do Alemão entrou em festa no dia das crianças. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/complexo-do-alemao-entrou-em-festa-no-dia-das-criancas/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015e. Complexo do Alemão ganha viveiro com espécies da Mata Atlântica. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/morro-do-adeus/complexo-do-alemao-ganha-viveiro-com-especies-da-mata-atlantica/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015f. Educação, alimentação, lazer, acessibilidade. Direito de todos? Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/educacao-alimentacao-lazer-acessibilidade-direito-de-todos/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015g. EDUCAP é alvejado por tiros. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/canitar/educap-e-alvejado-por-tiros/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015h. Evento promoveu alegria para mais de 200 crianças nesta sexta feira no Complexo do Alemão. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/colunas/diversao-arte/evento-promoveu-alegria-para-mais-de-200-criancas-nesta-sexta-feira-no-complexo-do-alemao/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015i. Lama, lixo e lodo: Os três L's do Chuveirinho do Alemão. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/lama-lixo-e-lodo-os-tres-ls-do-chuveirinho-do-alemao/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015j. Lazer e Capão: duas palavras que precisam combinar! Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/saneamento-basico/lazer-e-capao-duas-palavras-que-precisam-combinar/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015k. Moradores criam campanha para o Teleférico funcionar aos domingos e feriados. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/moradores-criam-campanha-para-o-teleferico-funcionar-aos-domingos-e-feriados/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015l. O Amarelo e Vermelho do Alemão. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/nova-brasilia/o-amarelo-e-vermelho-do-alemao/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015m. ONG Voz das comunidades vai distribuir mais de 2 mil brinquedos neste sábado. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/ong-voz-das-comunidades-vai-distribuir-mais-de-2-mil-brinquedos-neste-sabado/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015n. Pacientes são atacados por mosquitos dentro de clínica da família no Complexo do Alemão. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/geral/pacientes-sao-atacados-por-mosquitos-dentro-de-clinica-da-familia-no-complexo-do-alemao/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015o. Semana de terror no Rio de Janeiro é composta por mortes, medo e revolta. Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/complexo-do-alemao/semana-de-terror-no-rio-de-janeiro-e-composta-por-mortes-medo-e-revolta/>. Acesso em: 02/11/2015.

VOZ DAS COMUNIDADES. 2015p. Vai um sanduba aí? Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/vai-um-sanduba-ai/>. Acesso em: 02/11/2015.

Submetido: 17/10/2016

Aceito: 09/05/2017